

SEXUALIDADE FEMININA EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE:

*Construindo relações
sociais mais autênticas*



Silvana Bassi
silvanabassi21@gmail.com

*Psicóloga, Mestre em Serviço Social pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo. Atua como
psicóloga do Centro de Internação Feminino de
Parada de Taipas, cidade de São Paulo.*

*Não sei...Se a vida é curta
ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
Se não tocamos o coração das pessoas.*
Cora Coralina

INTRODUÇÃO

Este estudo, o qual deu origem à Dissertação de Mestrado e, posteriormente a este artigo, foi uma reflexão prática da sexualidade feminina de adolescentes em privação de liberdade e sua interface com a conjuntura na qual estão inseridas.

A relevância de tratar desta temática se deu à escassez de pesquisas com adolescentes do sexo feminino que cumprem medida socioeducativa de internação na Fundação CASA/SP. A sexualidade, estigmatizada e permeada por preconceitos e tabus, deve ser abordada de forma a romper paradigmas, conforme preconizam a legislação e as políticas voltadas à criança e ao adolescente.

A proposta de discutir a sexualidade de forma espontânea e a partir da demanda das adolescentes propiciou a criação de grupos de discussão, nos quais as adolescentes pudessem se sentir cada vez mais à vontade para expressarem seus sentimentos, suas dúvidas e suas expectativas.

A pesquisa-em-ação-da-intervenção-profissional, utilizada como metodologia, ampliou as perspectivas do desenvolvimento do processo de crescimento do grupo. Na medida em que os conteúdos emergentes subsidiavam discussões posteriores e se transformavam em novas construções, os participantes se envolviam na dinâmica e caminhavam para estabelecer relações mais autênticas.

POR QUE PENSAR EM SEXUALIDADE NO PROCESSO SOCIOEDUCATIVO, NA MEDIDA DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE?

Vida, sexo, tabus, receios, sensualidade, dúvidas, emoção, prazer e tantas outras razões foram motivadores para este assunto em grupo com as adolescentes que, privadas de liberdade, expressavam facetas da sua sexualidade através de posturas que não se pareciam em nada com a sensação de satisfação que tentavam transparecer como sinceras.

Sem cuidado e respeito consigo, relatavam situações de violenta agressão física e psíquica, com histórico de ameaças, tentativas e episódios de violência sexual - intrafamiliar ou extrafamiliar. Nestas circunstâncias de extrema vulnerabilidade, as relações sexuais são experiências traumáticas.

Ao tratar do tema sexualidade com adolescentes foi possível, não só propiciar o acesso à informação, mas a revisão de padrões de comportamento e a reconstrução de conduta social, relacionados à história individual e às interações vivenciadas.

O papel do profissional que atua na área psicossocial no trato das questões das garantias de direitos, na especificidade da sexualidade, implica na necessidade de realizar pesquisas e aprofundar o conhecimento acerca das questões que nos inquietam na dinâmica das relações sociopolíticas. A atenção e o respeito ao indivíduo como um Ser Total permite que o profissional possa se aproximar da situação que ele esteja vivenciando, sem perder de vista os motivos que o levaram a ela.

O profissional que assume o compromisso de atuar na dinâmica real da Instituição - onde as representações acontecem - deve saber que vai encontrar resistências de diversas naturezas. O trabalho é solitário e angustiante, tanto para o profissional como para a população atendida.

As artimanhas da sociedade burguesa para manter a 'ordem social' - através de seus mecanismos de controle - pode confundir e dificultar a ação que se pretende como transformadora, induzindo o profissional a oferecer sua força de trabalho sem crítica. É preciso estar alerta para não sucumbir a essa ideologia.

A acuidade em captar o momento, sintonizado com a conjuntura, possibilita conhecer e apreender a dinâmica das relações sociais e suas implicações. Para tanto, o profissional vale-se do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades que o instrumentalizam para intervir nessa dinâmica.

A oportunidade de transformar o conhecimento silencioso em conhecimento partilhado requereu habilidade, coragem e compromisso. Também, essas potencialidades foram imperativas para intervir no cotidiano, em prol das mudanças que se fizeram necessárias.

Para a aplicação prática do conhecimento em uma instituição fechada, como é o caso do espaço em que se deu a pesquisa/ação, a mediação recaiu sobre as formas possíveis de abordar determinados temas, de garantir a privacidade da interlocução e de expor as questões em linguagem acessível e interessante para as adolescentes.

A garantia da consolidação destas mudanças está implicada com uma verdadeira revolução dos paradigmas e dos preceitos que norteiam a formação dos profissionais das diferentes áreas do conhecimento. Estes são convocados a se engajar, em parceria, nos movimentos de transformação, contribuindo de forma aquilatada para a problematização das questões referentes à sexualidade humana, buscando criar novas propostas de intervenção a favor da redução da discriminação, exclusão e insatisfação na realização do prazer.

O processo de construção desta nova metodologia para conduzir a atividade em grupo, denominada simplesmente Grupo de Sexualidade, atendeu à urgência de criar espaço de discussão acerca da sexualidade feminina e que foi despertada pelo fato de que no contexto da privação de liberdade as meninas não tinham, naquele momento, espaço para expressar a sua sexualidade.

Observando o cotidiano institucional, percebi uma enorme diferença entre o comportamento das meninas e dos meninos frente à explicitação de seus afetos. A intensidade com que elas demonstravam suas emoções era distinta deles, na medida em que faziam questão de externá-los e, muitas vezes, de forma exacerbada.

Assim, fez-se imprescindível investigar a existência de algum tipo de trabalho voltado para a sexualidade na interface com a institucionalização. Nada encontrei neste sentido, constatando, apenas, que no Regimento Interno havia a proibição de qualquer troca de carícias ou aproximação excessiva entre as adolescentes ou entre elas e os funcionários.

No tocante às relações homoafetivas, elas também não se sentiam intimidadas; ao contrário, identificavam-se como lésbicas (sapatão, no seu vocabulário usual).

É sabido que as diferenças dos papéis exercidos pelo sujeito como masculino ou feminino se fazem presentes inclusive nas relações homoafetivas, haja vista a maior discriminação sofrida pelos gays que estão associados à feminilidade. Os adolescentes do sexo masculino se escondem quando sentem atração pelo mesmo sexo ou omitem as relações furtivas, ocasionadas na/pela privação de liberdade.

Entretanto, este 'posicionamento' de meninas tem frequentemente caráter específico para aquele contexto – isso, se considerarmos que boa parte destas adolescentes que mantém relações homoafetivas tem preferência pelo sexo oposto. Ainda, estão em processo de formação de sua identidade e podem não ter clareza de sua orientação sexual. A privação de liberdade é, para elas, como um laboratório de experimentações motivadas pela carência afetiva, pela ausência das drogas, pela ação dos mecanismos fisiológicos e psicológicos desencadeados pelo sistema hormonal, pelas questões existenciais e por tantas outras que o afastamento do convívio social pode provocar.

De posse de observações do cotidiano institucional e das convicções construídas na minha prática profissional, busquei nas propostas de intervenção da própria Fundação fundamentos para iniciar um projeto destinado a tratar da questão da sexualidade feminina em privação de liberdade.

Não tardou para perceber que, embora existissem parâmetros legais para que a temática da sexualidade fosse abordada junto às adolescentes, as iniciativas nesta direção eram escassas assim como a literatura - especialmente na abordagem da sexualidade feminina enquanto vivência pessoal e coletiva. Os raros trabalhos que encontrei sobre o assunto focavam a questão da orientação sexual na linha da educação e da saúde, objetivando prevenção de DSTs/AIDS e da gravidez indesejada, no contexto da garantia de direitos. O trato da questão da sexualidade é ainda muito influenciado pela perspectiva social de gênero - ressalta-se nesse sentido, que em algumas instituições do país, os meninos já têm autorização para receber visitas íntimas, o que não acontece com as meninas.

Assim, fez-se imperativo a criação de um espaço coletivo de reflexão sobre a sexualidade humana - especialmente a particular - com o intuito de desenvolver o autoconhecimento, a autoestima e a construção da identidade; assim, permitiria desmistificar mitos e tabus que vêm permeando o tema historicamente. Com essa base, seria possível, então, tratar das vivências e descobertas mais íntimas dessas adolescentes, não só sobre seu corpo, mas também sobre suas relações com os outros. Nesse ínterim elas trariam à tona reflexões sobre suas dúvidas, receios, angústias, culpas, vergonhas, falsas crenças e todas as formas de desejos e de fantasias, manifestas ou não. Essa discussão poderia facilitar uma nova maneira de enfrentar as questões da sexualidade e nortear suas tomadas de decisão - de forma franca e responsável - quanto a como exercê-la, compreendendo as implicações, as imposições ou os riscos nelas inerentes.

Com o desenrolar dos grupos, foi observado junto às adolescentes que as ocorrências de desrespeito às regras de convivência reduziram significativamente, pois a frequência e constância nos encontros funcionaram como onda propulsora que atingiu um número cada vez maior de interessadas em participar dos grupos.

OS GRUPOS: UMA METODOLOGIA PARA DESPERTAR E AGIR.

O método utilizado para esta intervenção foi chamado de Dialógico. A este método dialógico denominei "Despertar e Agir", porque através dele os sujeitos podem participar do processo de conhecimento de forma espontânea, motivados por uma necessidade pessoal e subjetiva.

A fim de refletir sobre as questões relacionadas à sexualidade o grupo teve, desde o seu início, espaço aberto para um tipo de discussão cujo tema tem sido costumeiramente estigmatizado e mantido em segredo. Ao nível da Instituição, também, o tema passou a ser coletivizado, mesmo que indiretamente, na medida em que os outros profissionais e as outras adolescentes tinham conhecimento da existência do grupo e mostravam-se interessados e curiosos sobre o desenvolvimento da temática.

Cada grupo era composto por 10 (dez) participantes, em média. Visa a construção de vínculos entre as adolescentes a fim de facilitar a discussão de temas polêmicos e de questões individuais, sem que estas se sintam desconfortáveis ou, até mesmo, melindradas.

Os encontros aconteceram uma vez por semana, com duração de 2 horas. Nos trabalhos, esta pesquisadora co-participava das discussões pontuando aspectos relevantes, intervindo e redirecionando, quando necessário, para assegurar que os princípios éticos fossem garantidos, através do diálogo franco e do respeito às diferenças.

No início de cada encontro, era solicitado que as participantes descrevessem como se sentiam como mulheres sexuadas. Na medida em que se mostravam, emergiam, também, as primeiras inquietações - o encadeamento destas inquietações surgia de forma natural, formando-se uma comunicação em cadeia.

Os grupos se mantiveram em ciclo permanente de rotatividade, devido às progressões da Medida Socioeducativa. Vale ressaltar que somente eram desligadas do mesmo quando recebiam a substituição da medida socioeducativa de internação, sendo que raramente ocorria desistência. Observou-se que ao se adaptarem à metodologia de trabalho, passavam a esperar os encontros com certa ansiedade e a contar com aqueles momentos para aliviarem suas tensões e redirecionarem suas expectativas.

A avaliação oral da participação no grupo era realizada ao final dos encontros, mas, assistematicamente era solicitado registro escrito a elas. Essa assistematicidade se deu porque escrever é um ato que exige desprendimento e, pelo fato da maioria das adolescentes apresentarem defasagens na aprendizagem escolar, registrar por vezes se tornava um incômodo. Nestes registros constavam análises dos avanços alcançados e elaborações de propostas para o próximo momento.

À luz do conceito de consciência possível de Goldmann (1972) a dinâmica utilizada nos encontros acontecia por meio da troca espontânea dos integrantes sobre a interrogação de como cada qual compreendia o significado da sexualidade. Observou-se que, espontaneamente, a conversação fluía, trazendo à tona toda gama de emoções e questionamentos, os quais expressavam as inquietações que permeavam cada grupo.

Os sentimentos mais frequentes eram a vergonha e o receio de falar sobre a própria sexualidade. Percebia-se, ainda, que existia uma imensa dificuldade por parte das adolescentes para reconhecerem-se na sua integridade, na relação e na interação com o outro.

Também, as relações homoafetivas - comuns em situação de confinamento - confundem-se com a definição da orientação sexual, pois a homossexualidade era percebida e abordada com preconceito, segregando ainda mais estas adolescentes já discriminadas.

As manifestações de afeto dentro do ambiente da privação de liberdade revelavam as mesmas nuances que estão subjacentes nas relações sociais, mas a privação acentua e intensifica o aparecimento de relações de dependência afetiva e sentimento de posse.

Para tratar dessas emoções procurou-se valorizar a escuta respeitosa, afetuosa e protegida pelo compromisso de sigilo coletivo. Buscou-se imprimir nestes encontros o respeito e o cuidado diante dos segredos revelados e da construção de vínculo de confiança entre os participantes. Com essa segurança, os mistérios que subjazem às representações vivenciadas pelas adolescentes começaram a ser revelados e trazidos à consciência.

O conhecimento e o trato delicado e sutil de suas intimidades permitiu que se aproximasse das adolescentes de tal forma a auxiliar e promove-las no preparo para o autodomínio de emoções e enfrentamento de situações adversas.

“Eu aprendi a me conhecer melhor, a me compreender mais e que na relação sexual nem tudo é proibido, apenas devemos fazer o que gostarmos, pois no sexo aprendi que vale tudo que nos satisfaz. E não se esqueça de saber as vontades de seu parceiro, pois sexo todo mundo sabe fazer, amor é raro, quem faz entende o que é”. (Helli, 17 anos)

Nos grupos também era apontada a importância de tratarmos da prevenção da DSTS/AIDS e as orientações destinadas a aprender a estabelecer relações prazerosas entre os parceiros. Ao refletirmos acerca das diversas formas das mulheres realizarem escolhas amorosas tornaram evidente que é preciso que estejam permeadas pela garantia do respeito mútuo em qualquer tipo de relação afetiva.

A adolescente que, ao ingressar no cumprimento da medida socioeducativa de internação em 2010, descobriu que era portadora do vírus HIV, não deixou de participar dos encontros e mesmo quando o assunto era sobre esta síndrome. Pelo contrário, a sua permanência propiciou o esclarecimento de suas dúvidas sem que precisasse se expor, bem como facilitou a percepção acerca das reações dos portadores do HIV.

No registro que elaborou sobre sua participação refere que:

“Esse grupo me ensinou muitas coisas assim como o uso de preservativos, DST, como ter um relacionamento legal não só um relacionamento amoroso, mas também com amigos. Aprendi um pouco mais sobre respeito, amadurecimento - porque ainda estou numa fase juvenil - confiança, igualdade, perdoar. Esses são alguns dos índices do que nós estudamos nesse grupo desde o início do ano”. (Florzinha, 15 anos)

Florzinha, indagada como pretende cuidar melhor de sua saúde quando retornar ao convívio social, repleta de esperança e sem os ranços da desesperança: “Como eu tenho a minha opção - heterossexual - eu pretendo cuidar melhor de mim, procurar um amor legal e fazer sexo seguro” (sic).

As angústias, o rancor, a tristeza, a indiferença e uma gama de sentimentos que vamos aprendendo socialmente a reprimir, podem ser - e quase sempre o são - dissimulados e se expressarem de forma ambígua. Na dinâmica de grupo propicia-se interações capazes de estimular as diversas expressões e manifestações de inquietação sobre temas referentes à sexualidade, tais como: afetividade, relacionamentos, descoberta do próprio corpo e do outro, masturbação, prazer/desprazer, orgasmo, agressividade, diversidade sexual, homofobia, preconceito, gravidez, DST/HIV/AIDS, entre tantos outros.

Os temas emergentes são frequentemente relacionados à importância da sexualidade nas relações sociais, à complementaridade e à disparidade entre os gêneros, à vivência da sexualidade na adolescência e suas distorções, à homofobia e suas facetas, ao prazer e à afetividade, aos símbolos sexuais e à erotização precoce.

Através do debate dos valores vigentes na nossa cultura, de suas implicações sócio-históricas, buscou-se compreender e respeitar as diferenças e os posicionamentos de cada participante como sujeito de sua vida. Discutir sobre como viver e expressar a sexualidade com respeito pelo próprio corpo, exercendo plenamente o direito de escolha de seus parceiros sexuais e da decisão sobre qual o momento mais apropriado em suas vidas para manter relação sexual ou engravidar.

Com a análise da realidade foi possível avançar em direção à consciência crítica e, conseqüentemente, propiciar que se sentissem solicitadas a participar e contribuir na dinâmica do grupo. Essa dinâmica contribui para a sua formação biopsicossocial, através do reconhecimento de si e do outro, bem como para a introdução de discussões pertinentes ao tema.

REFLEXÕES FINAIS

A experiência advinda desta pesquisa-ação pode propiciar, paulatinamente, que as adolescentes percebessem que em suas vidas representavam papéis, nos quais, neste processo reflexivo, não se reconhecem mais.

Os antigos papéis haviam sido criados em concordância com as ideias que permeavam suas relações socioculturais e eram confirmadas nos apelos da mídia. É exemplo dessa contradição a imagem de uma menina 'descolada e liberal' que 'transa com vários meninos', sem que, de fato, esse comportamento lhe permita sentir a felicidade do afeto e, ainda menos, de sentir prazer (ou chegar ao orgasmo).

A proposta de estabelecer uma dinâmica descontraída, com seriedade, ao tratar da temática da sexualidade, é um exercício de assumir a tarefa de coordenar grupos, ciente de que para falar de questões relacionadas à sensibilidade do outro, é preciso 'estar presente', ser autêntica nas relações.

O processo de desenvolvimento a ser alcançado pelas adolescentes implica no reconhecimento de seus direitos sexuais e reprodutivos, seja em qual for a forma de manifestação da sexualidade humana, descobrindo como expressar livremente sua orientação sexual - heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, dentre outras, a condição biopsicossocial, econômica e cultural.

Despertar o potencial de cada uma delas a partir de seus próprios referenciais e colocá-las como instrumentos de superação de suas consciências fragmentadas poderá ampliar suas expectativas a caminho da transformação de paradigmas. Para tanto, o profissional que media a dinâmica de grupo exerce papel fundamental.

Falar de sexualidade em reunião grupal com aquelas meninas estava diretamente relacionado à capacidade de conquistar a confiança das participantes e de poder acompanhar e, se preciso, acalantar - numa relação de reciprocidade - tudo aquilo que emerge e clama por uma alternativa que lhes permita garantir seus direitos com dignidade e sem prejuízo de sua integridade.

Ao longo de 5 anos mantivemos contato com algumas adolescentes que participaram do grupo e que continuaram a contribuir para a sua continuidade, através de cartas sobre suas vivências extramuros. Neste contexto, entende-se que as revelações podem ocorrer com maior facilidade na privação de liberdade, pois, ironicamente, libertam-se das memórias e as ressignificam.

*Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe, Braço que envolve,
Palavra que conforta, Silêncio que respeita,
Alegria que contagia, Lágrima que corre,
Olhar que acarícia, Desejo que sacia,
Amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela
Não seja nem curta, Nem longa demais,
Mas que seja intensa, Verdadeira, pura...
Enquanto durar.
Cora Coralina*

REFERÊNCIAS

- GOLDMANN, L. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- FUNDAÇÃO CASA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Plano Operativo para Atenção Integral à Saúde do Adolescente em Regime de Internação e Internação Provisória na Fundação Casa do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fundação CASA, 2007.
- FOUCAULT, M. (Albuquerque, Maria Thereza da Costa e Albuquerque, J. A. Guilhom – Tradução) **História da Sexualidade I – A vontade de saber**. 5ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1984.
- _____. (Albuquerque, Maria Thereza da Costa – Tradução) **História da Sexualidade II – O uso dos prazeres**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.
- _____. (Albuquerque, Maria Thereza da Costa – Tradução) **História da Sexualidade III – O cuidado de si**. 9ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2007.
- _____. **Microfísica do Poder**. 15ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2000.